

INVENTÁRIO DA PELE

CÁSSIO VASCONCELLOS
CRIS BIERRENBACH
CRISTIANO LENHARDT
JULIA KATER
KENJI OTA
LETICIA RANZANI
ROMY POCZTARUK
ROSÂNGELA RENNÓ
TONY CAMARGO

SIM GALERIA

INVENTÁRIO DA PELE

fotografia contemporânea brasileira

abertura quarta-feira, 25 de abril de 2012, às 19h

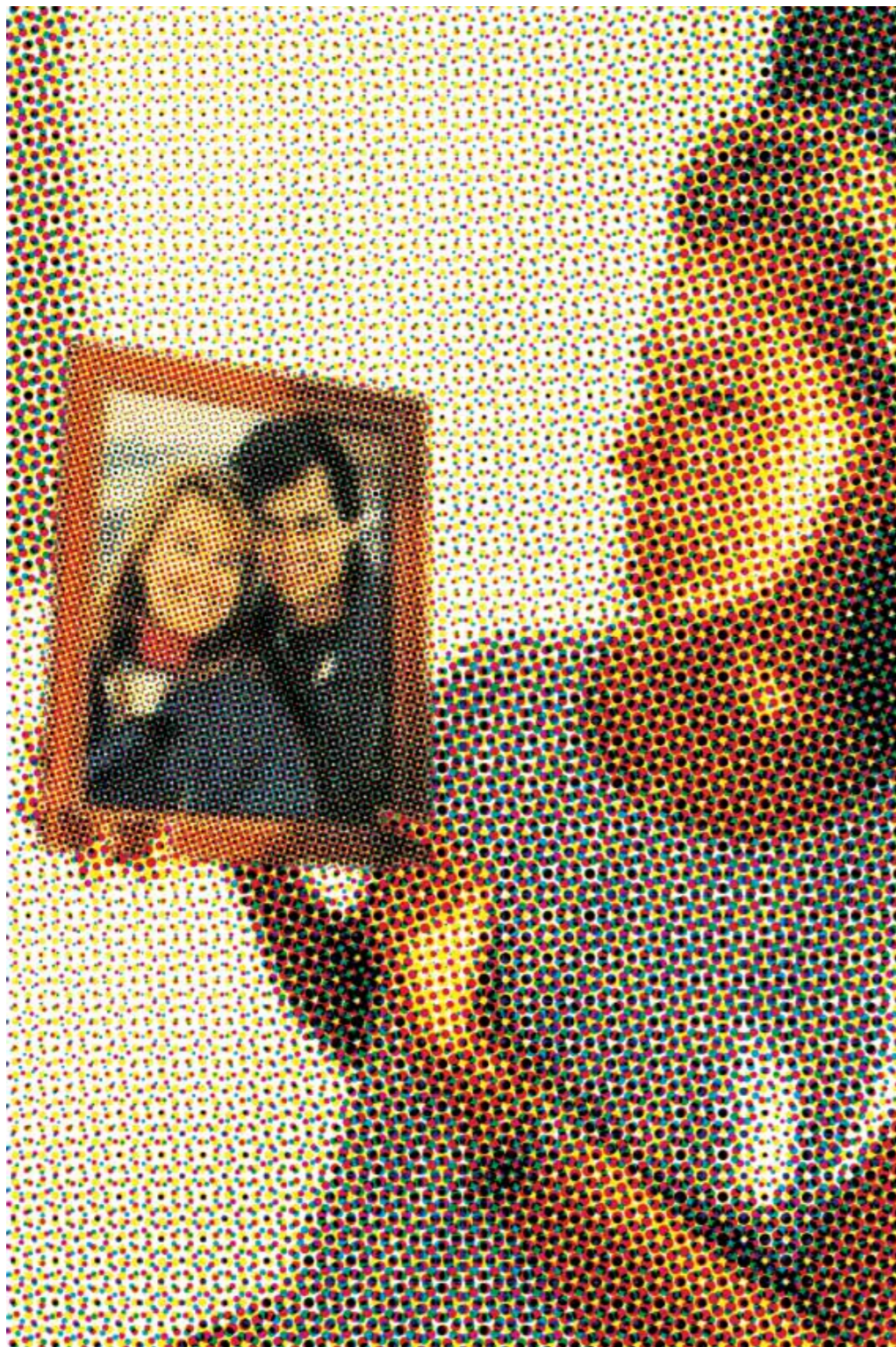
Curadoria: Eder Chiodetto

de 25 de abril a 02 de junho

terça a sexta-feira, das 10h às 19h

sábado, das 10h às 18h

Alameda Presidente Taunay, 130-A
Curitiba | Paraná | Brasil | 80420 180
Tel. 55 41 3322 1818
contato@simgaleria.com.br
simgaleria.com.br



INVENTÁRIO DA PELE

fotografia contemporânea brasileira

EDER CHIODETTO

Quando foi oficialmente inventada, em 1839, a fotografia surgiu na forma de daguerreótipos, a histórica criação de Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851). Curiosamente, esse invento, o primeiro a conseguir fixar uma imagem fotográfica, era também uma superfície reflexiva. Para olhar o mundo que ele representava era necessário ver-se também. Imagem dúbia que sobrepunha magicamente um passado represado e um presente contínuo.

A partir da segunda metade do século XIX, intensificou-se as pesquisas de materiais sobre os quais poderiam ser impressas as imagens. Desde então, essa busca nunca mais cessou. Olhando em retrospectiva a história da fotografia, podemos perceber que sua evolução está em boa parte atrelada à investigação da superfície, ou seja, a epiderme da fotografia. Suporte poroso por onde a imagem “transpira”.

“Inventário da Pele” surge a partir de uma pesquisa focada na produção de artistas contemporâneos brasileiros que obstinadamente revisitam e atualizam a história das técnicas fotográficas, com o intuito de encontrar a forma de representação que melhor se ajuste aos seus anseios. Longe de se constituir numa empresa apenas formal, esses artistas se lançam na aventura das alquimias de substâncias e suportes justamente para expandir seus pontos de vistas, acrescentar um comentário ao que a câmera devolve mecanicamente e impregnar as superfícies de suas fotografias com altas voltagens de subjetividade. A fotografia resultante desses processos pode ganhar um contorno dialético e uma potência poética que finda por expandir o território simbólico da fotografia.

Ao revisitar técnicas do século XIX, artistas como Cris Bierrenbach e Kenji Ota criam um curioso diálogo anacrônico com a história da fotografia. Ao fotografar suas bonecas de infância, Bierrenbach optou pela técnica do daguerreótipo, de delicada e difícil confecção. Ao olharmos de frente essas bonecas nosso rosto se funde criando um terceiro e assustador personagem. A infância vista pelo daguerreótipo de Bierrenbach é de alta e incômoda densidade psicológica. O daguerreótipo, nesse caso, é ao mesmo tempo suporte e conceito.

Kenji Ota, por sua vez, imprime tecidos e papéis artesanais de algodão com a técnica denominada Vandyke Brown, inventada no século XIX, que utiliza elementos a base de ferro e prata para a impressão da imagem. Pedreiras, o mar,

plantas e insetos formam uma espécie de cosmologia particular e de uma beleza contundente que o artista articula de forma sublime. Nesse caso, o referente muitas vezes perde a preponderância da representação, deixando que em primeiro plano se sobressaia as tramas e as luminescências que Ota Ihes atribui, como quem pacientemente tece cada micro ponto dessas imagens únicas.

Os artistas Cássio Vasconcellos e Julia Kater recorrem a estratégias semelhantes de corte e colagem das imagens, recursos também largamente explorados ao longo da história da fotografia. Vasconcellos, na série “Paisagem Marinha” cria uma espécie de fábula submarina submetendo seus negativos a uma sucessão de cortes e remontagem artesanal, utilizando muitas vezes uma prosaica fita adesiva transparente para unir as partes, deixando que as bolhas de ar da fita mal adesivada façam as vezes das bolhas de ar existentes no fundo do mar. As escalas absurdas e a justaposição de tempos-espacos distintos levam essas fotografias no limite do diálogo com linguagens distintas como o desenho e a gravura.

Kater, que também realiza essa espécie de cirurgia com suas fotografias, o faz diretamente sobre as cópias em papel fotográfico e não intervindo em originais como Vasconcellos. A soma de várias imagens se acumulam e partes delas escapam por incisões do papel feitas pela artista para que cenas inesperadas e de forte simbolismo se espriem. Em outros momentos, a artista opera com ponta seca sobre papel fotográfico monocromático, criando a sugestão de uma paisagem que serve de potente plataforma para o imaginário. O suporte é, para a artista, um campo de tensões que excitam, por meio de seus inesperados labirintos, a nossa imaginação.

E por falar nos labirintos da representação, é notável a forma como a nova geração de artistas, que se desenvolvem a partir das novas premissas tecnológicas, do pensamento randômico e sem os dogmas classistas que outrora visavam classificar ações artísticas e linguagens como uma catalogação infrutífera.

Romy Pocztaruk, Tony Camargo e Cristiano Lenhardt, por exemplo, são artistas que transitam entre linguagens e por meio dessa liberdade de ação constroem seus mundos particulares com extrema delicadeza e originalidade. No vídeo digital “Hillingar”, Pocztaruk cria hiatos temporais que questionam a nossa capacidade de percepção. Com o LCD como suporte somos impelidos a pensar no movimento que o cenário, desolado e desacelerado, de forma cifrada vai aos poucos embotando a percepção do espectador.

Na série “Fotomódulos” o artista Tony Camargo realiza uma imbricação orgânica entre fotografia, pintura e performance. Os elementos coloridos extravasam o quadro e se recombina de forma improvável na platitudo do papel fotográfico brilhante que a tudo acomoda. A esse quadro instável e falsamente harmônico, o artista impõe formatos inusitados que fogem à tradição do retângulo e do

quadrado, convocando assim, por último, o aporte da escultura para transformar sua representação numa forma híbrida em que as múltiplas linguagens surgem indissociáveis. O suporte como metamorfose permanente.

A série “Papel Sensível”, de Cristiano Lenhardt, reduz a fotografia a sua inscrição mínima. Por meio de uma operação que remete ao haikai, como conceito, e à tradição concretista, como forma, o papel de prata, a luz e a sombra se friccionam entre dobras para revelar uma ação que se torna forma. Uma condição matemática se impõe e se abre revelando fronteiras entre o preto, o branco e uma palheta de cinzas. Para Lenhardt o suporte é como uma caixa de ressonância onde os elementos internos se recombina ao sabor de um acaso parcialmente controlado para tocar a gênese da fotografia.”

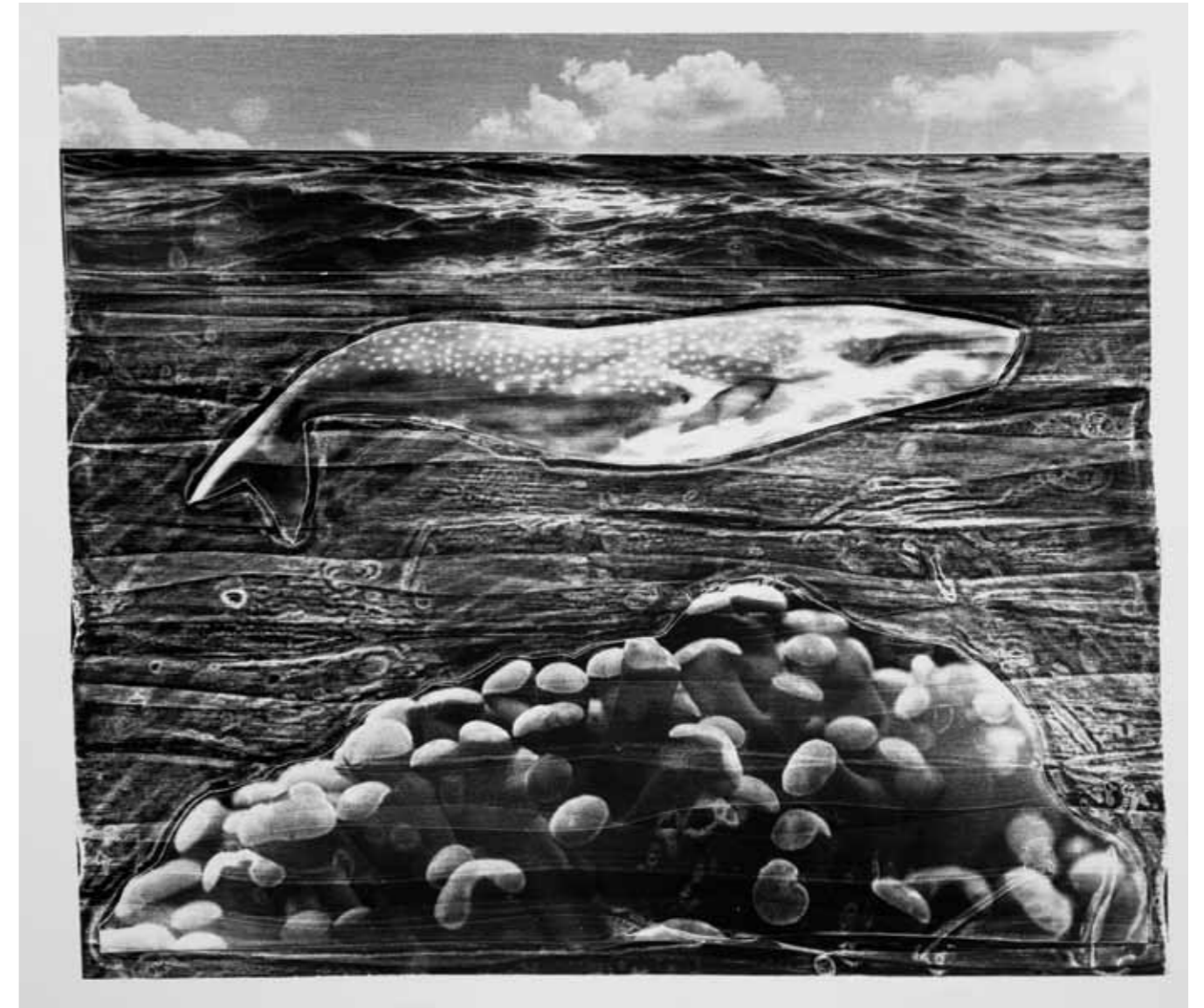
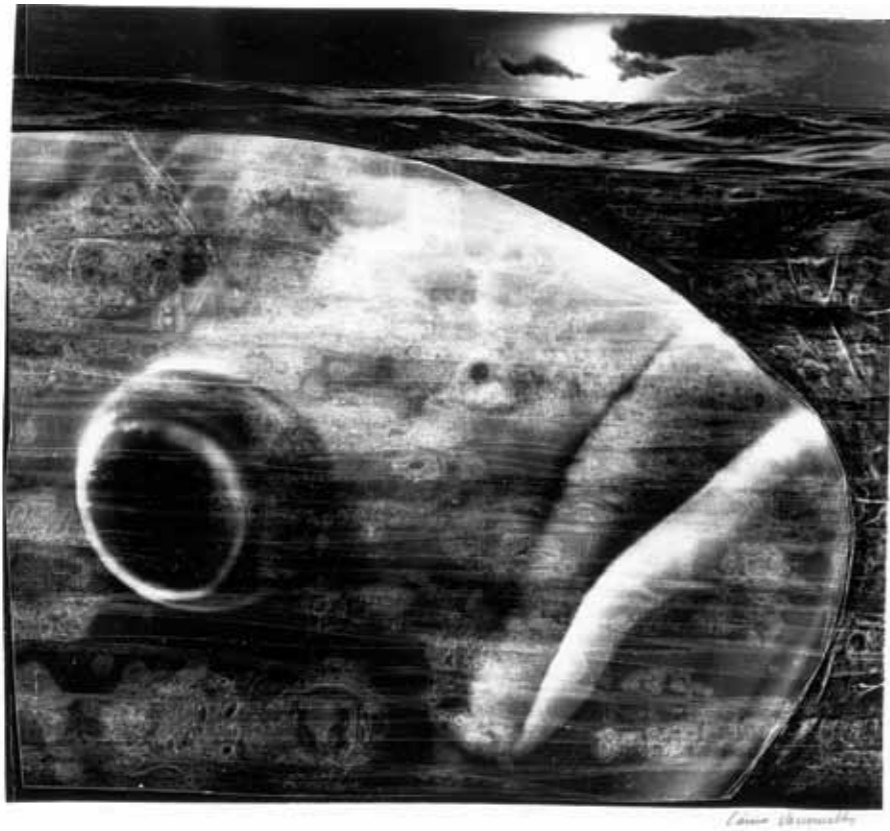
Também investigando a potência possível que determinados papéis podem atribuir às imagens fotográficas, Letícia Ranzani chegou de forma improvável aos papéis filtros de prosaicos saquinho de chá. Impressos com jato de tinta, as imagens ganham transparência e podem ser observadas igualmente de ambos os lados do papel. Fotografias que iludem a percepção visual, pois podem ser vistas como figura impressa quando o olhar se detém sobre o papel, ou como uma nódoa de cor que impregna o mundo visível através dele, quando o olhar se prolonga além da superfície. Suporte efêmero que conota de forma poética e precisa o dilema entre memória e amnésia. Anti-suporte que ao mesmo tempo revela e apaga aquilo que a fotografia teve a ilusão de tornar perene.

“Inventário da Pele” inicia seu percurso no espaço expositivo com os daguerreótipos de Cris Bierrenbach, superfícies que absorvem, mas também refletem a luz, e finaliza com imagens impressas em chapas de inox, que têm a função de materializar a série “Corpo da Alma” da artista Rosângela Rennó.

Ao criar o que podemos denominar de um campo de batalha de representações, Rennó acomoda sobre o inox fotografias apropriadas da mídia em que personagens exibem fotografias de pessoas desaparecidas. O único vestígio que restou da passagem dessas pessoas pelo mundo são essas imagens, que agora tentam em vão encontrar as mesmas faces que um dia a incidência dos feixes de luz impregnaram a chapa sensível de uma câmera fotográfica para gerar o retrato. Suporte-espelho. Mas paradoxalmente, agora quem observa essas imagens é que se vê refletido sobre um retrato cujas feições não coincidem com as suas. Ilusão especular!

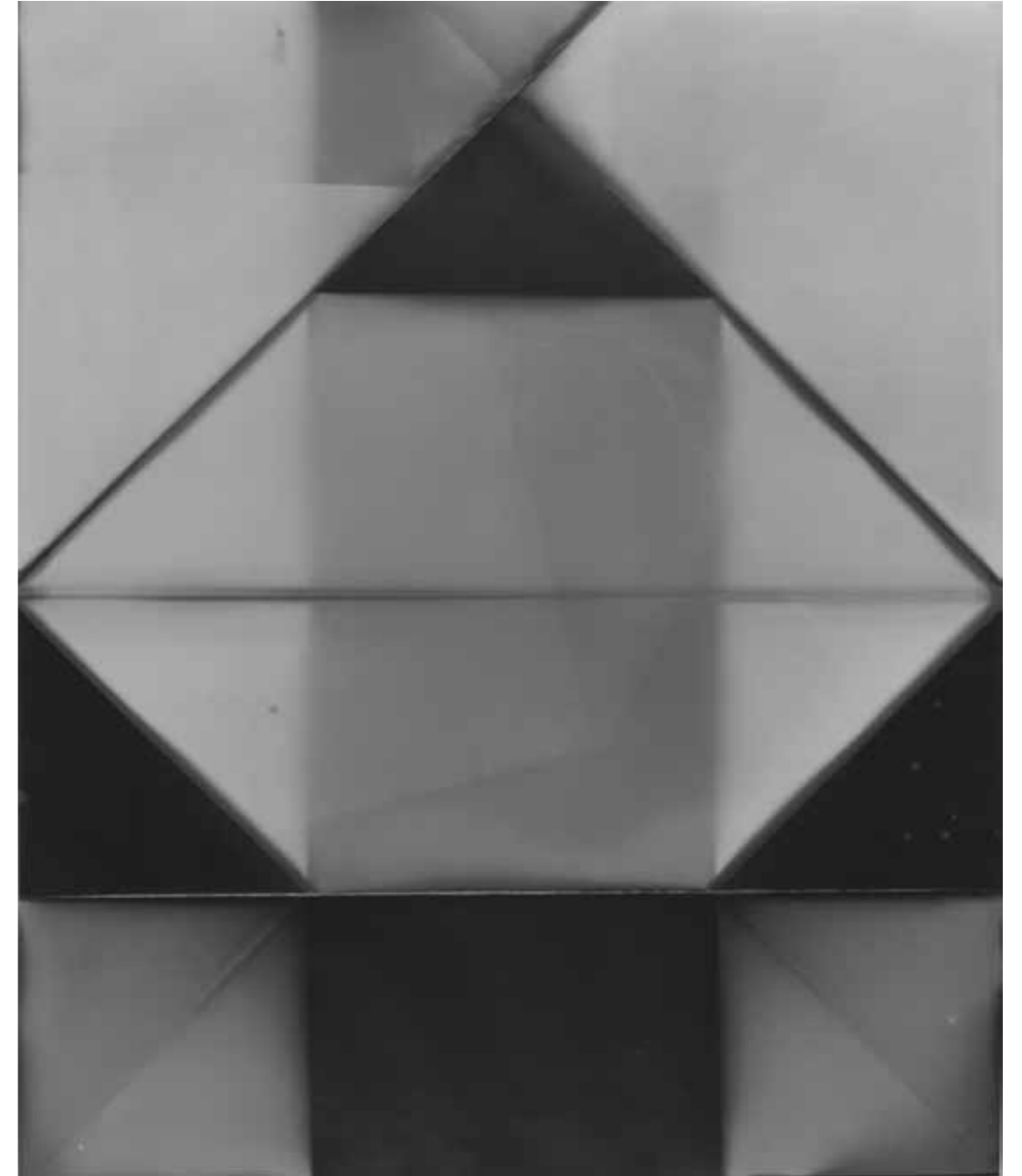
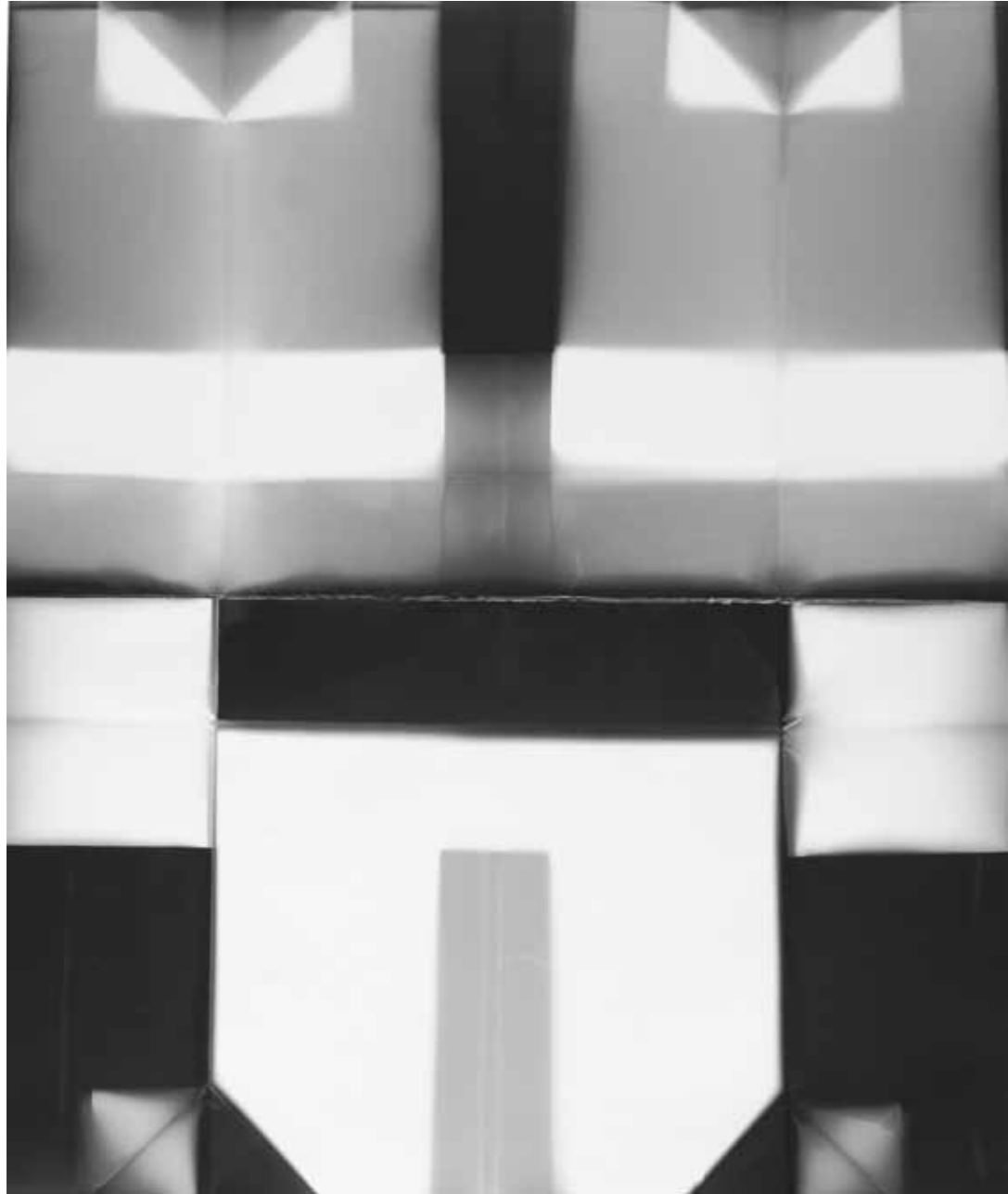
A fotografia tem essa magia, por vezes assustadora, de se manter no mundo enquanto o fluxo contínuo do tempo tende a apagar tudo. Só as fotografias, de fato, não acreditam na vulnerabilidade do homem. Talvez essa seja uma chave para compreendermos porque necessitamos tanto fotografar e colecionar nossas vidas em pequenos fragmentos.

CÁSSIO VASCONCELLOS

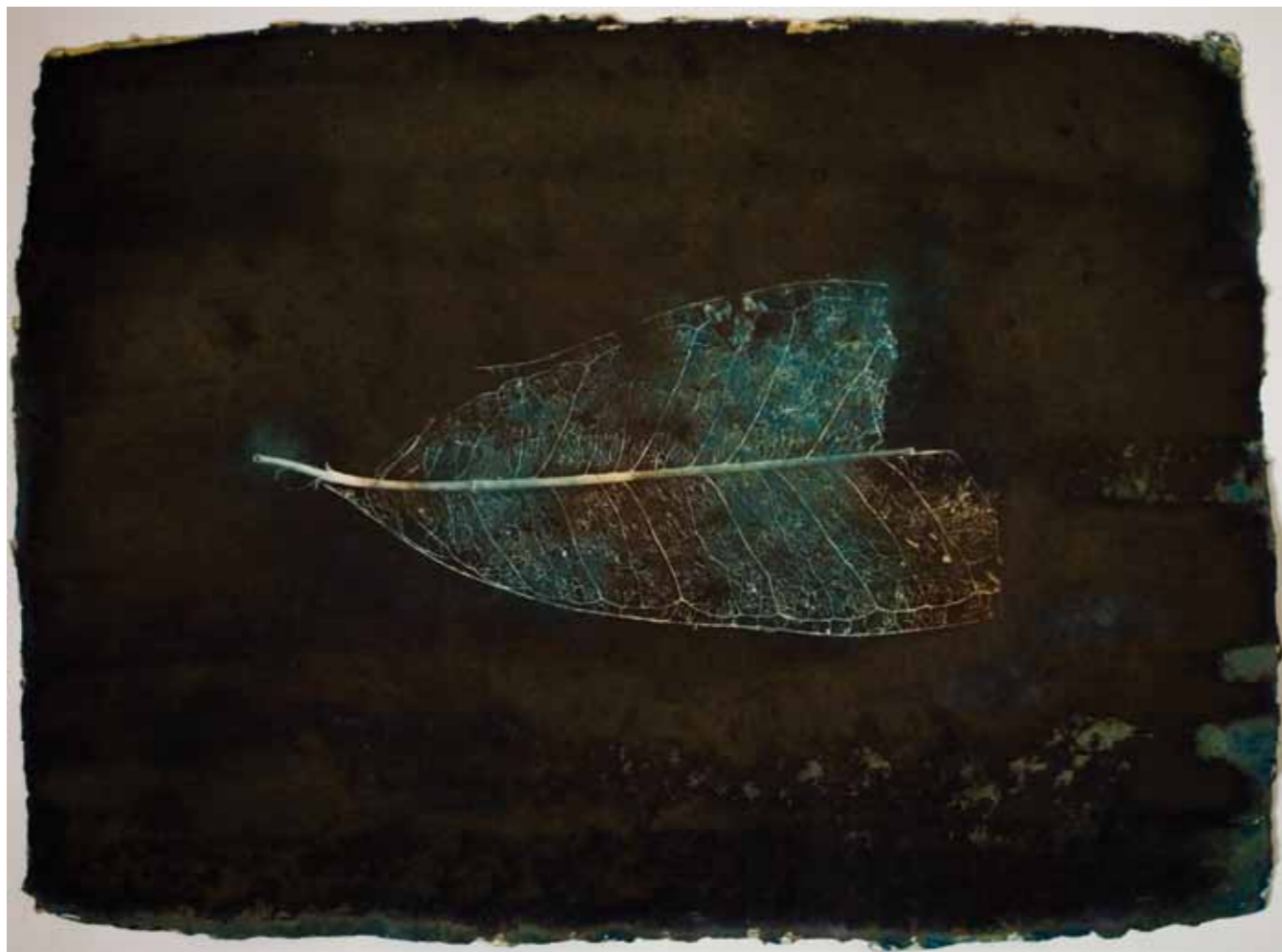


CRIS BIERRENBACH

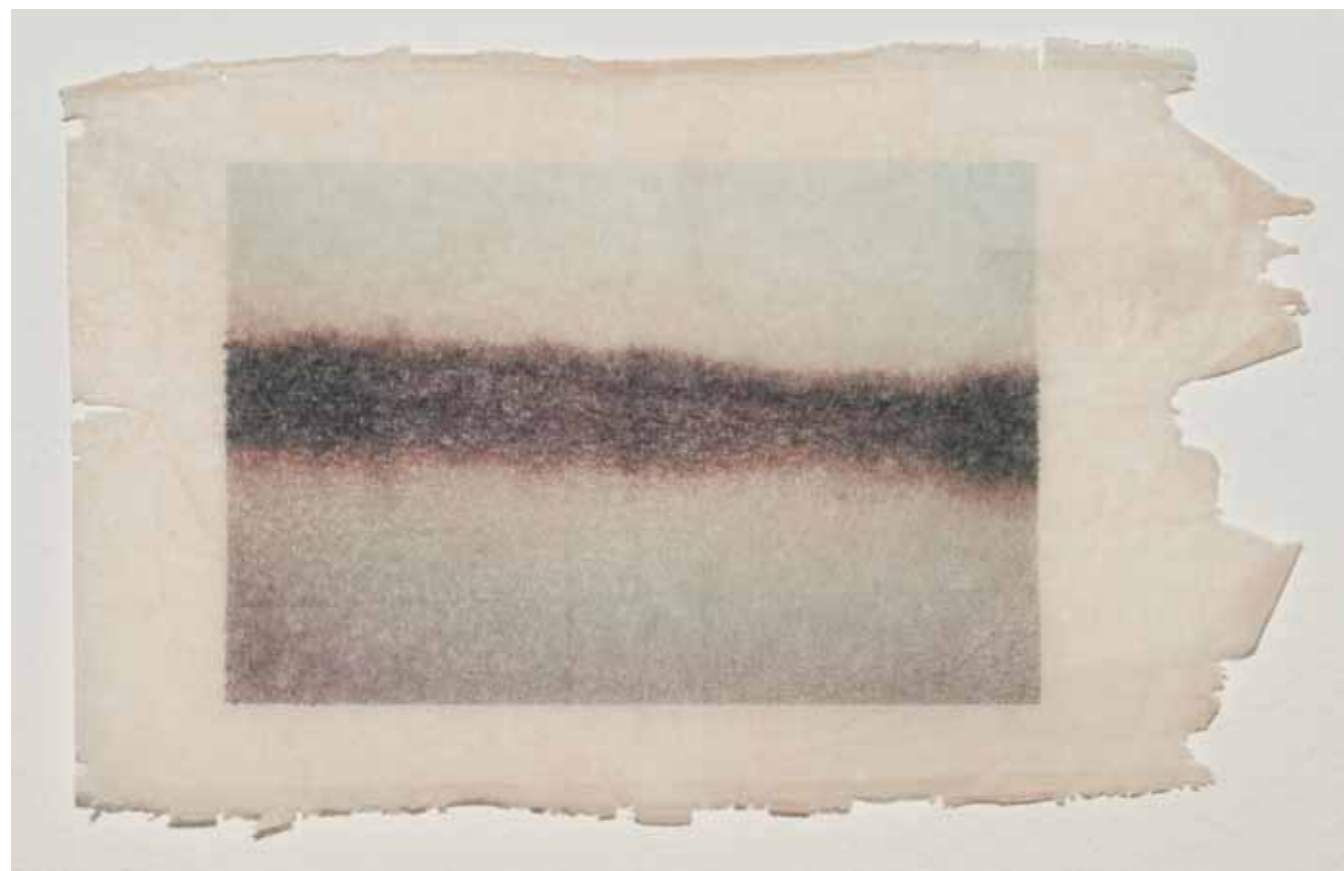








LETICIA RANZANI





ROSÂNGELA RENNÓ





CÁSSIO VASCONCELLOS

Nasceu em São Paulo em 1965, onde vive e trabalha.

Especialista em fotografias aéreas, Cássio Vasconcellos tem fotografias do alto de cidades, mas também retratos feitos em polaroides que já deram a volta ao mundo. Participou de mais de 150 exposições em 18 países. Integra o seletivo grupo do “Blink– 100 photographers, 10 curators, 10 writers”, livro publicado pela Phaidon Press, Inglaterra.

Seu trabalho “Noturno” foi transformado em livro (Editora Bookmark, 2002) e já foi exibido em Paris e no Brasil, onde ganhou o prêmio de “Melhor Exposição de Fotografia do Ano” pela Associação Paulista de Críticos de Arte (SP, 2002).

Inicia sua Carreira na Escola Imagem-Ação (1981), trabalhou para grandes revistas, fez fotografia publicitária e foi repórter fotográfico da Folha de São Paulo.

Dentre suas exposições destacam-se: “Panorâmicas”, na II Bienal de Fotografia de Curitiba (1998); “Paisagens Marinhas”, no Museu da República (RJ, 1995); “10 Anos + 1: os anos recentes da Arte Brasileira, no Instituto Tomie Ohtake (SP, 2006), com curadoria de Agnaldo Farias; e “Mapas Abiertos – Fotografia Latino-Americana 1991-2002”, itinerante pela Finlândia, Chile, México e Espanha, sob curadoria do crítico e professor Alejandro Castellet.

Recebeu os prêmios “Porto Seguro Fotografia” (SP, 2001); “Prêmio J. P. Morgan de Fotografia, Aquisição”(SP, 1999) e “Prêmio Nacional de Fotografia” FUNARTE (1995).

Sua obra se encontra nas coleções da Bibliothèque Nationale (Paris), Museo Nacional de Bellas Artes (Argentina), Danforth Museum of Art, Fogg Art Museum, Museum of Fine Arts, Polaroid Collection, Worcester Art Museum (EUA), Museu de Arte Contemporânea do Ceará, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Coleção Gilberto Chateaubriand), Museu de Arte Moderna de São Paulo (Coleção Pirelli), Museu de Arte de São Paulo e Museu da Imagem e Som (São Paulo).

CRIS BIERRENBACH

Cristiana Bierrenbach nasceu em São Paulo em 1964.

Gradua-se em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 1992. Em 1990, realiza a primeira exposição individual no Projeto Foto de Autor, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS/SP). Entre 1989 e 1991, atua como repórter fotográfica do jornal Folha de S. Paulo, e de 1992 a 1994 trabalha na Revista da Folha. Em 1996 ilustra a primeira fotonovela interativa brasileira, “O Moscovita”. Colaborou como fotógrafa e ilustradora em publicações e veículos diversos, entre eles, Veja, Revista da Folha, Vogue e Carta Capital. Desenvolve trabalhos autorais que exploram as potencialidades expressivas dos processos fotográficos e das novas tecnologias digitais. Em 2004, recebe o Prêmio Porto Seguro Pesquisas Contemporâneas, em São Paulo. Integra, em 2005, a coleção Foto Portátil, lançada pela editora Cosac & Naify. Direção de arte no longa metragem FilmeFobia de Kiko Goiffman (2007). Trabalha como Foto-ilustradora da coluna quinzenal da jornalista Eliana Cardoso para o jornal Valor Econômico. Entre os principais prêmios recebidos destacam-se: “Prêmio Porto Seguro de Fotografia – Pesquisas Contemporâneas – daguerreotipo” em 2004; “13º Prêmio Cultura Inglesa Festival” – Centro Brasileiro Britânico, São Paulo, 2009; “Prêmio Aquisitivo: Programa de Exposições” – Centro Cultural São Paulo, 2009; “Prêmio Trajetórias” – Fundação Joaquim Nabuco, 2010; “XI Prêmio Funarte” – Marc Ferrez de Fotografia, 2010; e “Prêmio Funarte de Arte Contemporânea” – Ocupação dos Espaços Funarte 2010. Seu trabalho encontra-se nas coleções: Maison Européenne de la Photographie, Paris, França; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP), São Paulo; Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ), Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo; Coleção MASP/Pirelli; Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo; Museu de Arte Contemporânea do Ceará, Fortaleza, Coleção Porto Seguro de Fotografia, São Paulo; Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro e Coleção J. P. Morgan Bank, São Paulo.

CRISTIANO LENHARDT

Cristiano Lenhardt nasceu em Itaara (RS), morou em Porto Alegre (RS), no Rio de Janeiro (RJ) e agora vive e trabalha em Recife (PE).

Formou-se bacharel em artes visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (RS), em 2000, e prolongou seus estudos no Torreão (RS), até 2003. É professor das Faculdades Integradas Barros Melo (AESO) e integra os projetos Laranjas, Casas como Convém e Força Tarefa. Em 2008, realizou a individual Diamante no Instituto Cultural Banco Real (PE), participou do Projéteis de Arte Contemporânea da Funarte (RJ) e ganhou o prêmio aquisição no Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (SP).

Dentre os prêmios, bolsas e residências estão: Orientação artística Torreão em Porto Alegre, 2001-2003; residência artística Gasworks – Londres, 2013; residência artística pela Made in Mirrors Foundation em Guangzhou – China, 2011; Bolsa Iberê Camargo – Programa de Artistas Universidad Torcuato Di Tella – Buenos Aires, 2011; Bolsa Prêmio 26º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, 2006; Prêmio Concurso video arte da Fundação Joaquim Nabuco – Recife; Prêmio Projéteis da Arte Contemporânea – Funarte, Rio de Janeiro.

Participou de exposições coletivas, entre elas: Rumos Visuais Itaú Cultural, São Paulo, 2012; Mythologies – Cité Internationale des Arts, Paris, 2011; Intimate Bureaucracies: Art and the Mail, Art Exchange, University of Essex – Inglaterra, 2011; Mostra Constructing Views – New Museum – New York, 2010; 7ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2009 e Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, 2009.

Entre as individuais estão: Papel Sensível – Tijuana/Galeria Vermelho, São Paulo, 2011; Nenhuma luz – Galeria Amparo 60, Recife, 2010; Filmes de Studio – Torreão – Porto Alegre, 2009 e Diamante – Galeria Marcantonio Vilaça Inst. Cult. Banco Real – Recife, 2008.

JULIA KATER

Julia Kater nasceu em Paris, França em 1980. Vive e trabalha em São Paulo.

Formada em Fotografia pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Em 2008 recebe acompanhamento de projeto artístico com Albano Afonso e Sandra Cinto. Participa regularmente de exposições no Brasil e no exterior. Expôs em diversas coletivas, dentre as quais destacam-se: Natureza, Projeto Tripé (Sesc Pompéia, 2009); Idioma Comum, na Fundação PLMJ (Lisboa, Portugal, 2011); e Changes, no Banco Mundial (Washington, EUA, 2011). Em 2010 participa das exposições: “Projeto Dobradiça”, com curadoria de Eder Chiodetto, São Paulo; em 2011, “Photo Fidalga, Quase Galeria”, Espaço T, Porto, Portugal, e no “Ateliê Fidalga”, Paço das Artes, São Paulo. Em 2011 participou da exposição “Idioma Comum”: artistas da CPLP, na coleção da Fundação PLMJ, Lisboa, Portugal. Recebeu o Prêmio de Arte Contemporânea da Funarte com a exposição intitulada “Um de três”, que ganhou juntamente com outras duas artistas. Em 2012, fará uma residência no Carpe Diem Arte e Pesquisa, em Lisboa, seguida de exposição individual. O tema fundamental de suas obras, o tempo, é abordado em diversas composições fotográficas, nas quais a artista sublinha o papel transformador do homem sobre a paisagem.

KENJI OTA

Kenji Ota nasceu em São Paulo em 1952.

Bacharel em Ciências Sociais e Políticas Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre em poéticas visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Desde 1980 trabalha com fotografia experimental. A investigação da materialidade do fotográfico conduziu suas pesquisas para alguns processos históricos fotográficos do século XIX como a goma bicromatada, albumen print, vandyke brown, cianotipia, papel salgado e fotogravura.

Possui trabalhos em diversas coleções, como Coleção Pirelli Masp, Coleção Joaquim Paiva, Coleção Rubens Fernandes Júnior, Coleção Rosely Nakagawa, Coleção Itaú Cultural, Coleção de Fotografias Fnac Brasil, Fototeca da Fundação Cultural de Curitiba. Ganhou o Prêmio Marc Ferrez do Instituto Nacional de Fotografia da FUNARTE em 1984 e a Bolsa Vitae em 1999, desenvolvendo em ambos trabalhos nos processos históricos fotográficos.

Dentre as principais exposições estão: Kenji Ota Fotografias, Fotogaleria Fotóptica, São Paulo, 1981; Tradição e Ruptura, Fundação Bienal de São Paulo, 1985; Arte e Tecnologia, MAC São Paulo, 1985; I Quadrienal de Fotografia, MAM de São Paulo, 1985; IV Video Brasil, MIS, São Paulo, 1986; III Encuentro y Mostra Nacional de Fotografia Contemporânea, Quito, Equador, 1986; A Trama do Gosto, Fundação Bienal de São Paulo, 1987; Brazil Projects P.S.-1, The Institute for Art and Urban Resources, Nova York, 1988; Fotografia Brasileira Contemporânea – anos 50/90, I Mês Internacional da Fotografia, São Paulo, 1993; Coleção Pirelli Masp, São Paulo, 1994; II Bienal do Tokyo Metropolitan Museum of Photography, Tóquio, Japão, 1007; Kenji Ota, Centro Cultural São Paulo, 1998; Brazilian Photography 19945 – 1995, Kunstmuseum, Wolfsburg, Alemanha, 1999; III Bienal Internacional de Fotografia, Curitiba, Paraná, 2000; Mensch Natur Technik, ICBRA Galery, Berlim, Alemanha,

2000; São Paulo ICI Bobigny LA-BAS, Hotel de Ville de Bobigny, Bobigny, França; Mapas Abiertos – Fotografia Latino Americana 1991/2002; Palau de la Virreina, Barcelona, Espanha, 2003/2004; Fan de Nagoya Art Exhibition, Nagoya, Japão, 2009; Kenji Ota, SESC Santana, São Paulo, 2010/2011 e NAFOTO 20 anos, Caixa Cultural São Paulo, São Paulo, 2011.

LETICIA RANZANI

É artista plástica e fotógrafa. Formada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-graduada em Fotografia pela Centro Universitário Senac-SP. Em 2009 recebeu o prêmio de Mensão Honrosa no 9º Salão de Artes Visuais de Guarulhos, contemplada com uma exposição coletiva intitulada 4.9, no Centro Cultural Adamastor (Guarulhos), em 2010. Participou também de algumas exposições coletivas no Brasil, tais como: “Acúmulos”, na galeria Casa de Quem?; “Corpos”, na galeria da Ciespe, em Campinas e “Brasil em Foco”, em Braga, Portugal, entre outras. Foi selecionada para workshop com o fotógrafo Martial Cherrier em 2009 no Itaú Cultural. Além disso participou de curta-metragens de animação entre eles “CODA” de Marcos Camargo e “Obrigado Dalva”, de Wilson Lazaretti.

Depois das cinco trata de um tempo onde não existe tempo, de um espaço imaginário que é roubado pela fotografia, é o registro de um universo particular de sonho e imaginação. É o caminho, um convite para um lugar novo, onde a realidade se mistura com a ficção. É uma fração de tempo, é um espaço perdido, um espasmo muscular. Um suspiro. Um sopro. Uma brisa de outono no rosto. Reflete sobre a memória das coisas, assumindo o acaso como agente criador de imagens, onde tanto a mancha formada pela folha de chá como a impressora jato de tinta são responsáveis por ela. É um trabalho que caminha pela experimentação, buscando novos suportes para a fotografia. As imagens são impressas em um suporte não usual, com transparência e com pouca definição, convidam o espectador a transitar por um espaço flutuante que dissolve no ar.

ROMY POCZTARUK

Romy Pocztaruk nasceu em Porto Alegre, RS, em 1983. Vive e trabalha em Porto Alegre.

É mestre em poéticas visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha com fotografia, vídeo, intervenções e performances. No ano de 2011 ganhou a Bolsa Iberê Camargo, recebendo residência artística no Bronx Museum em Nova York, onde aprofundou a pesquisa de seu trabalho. Entre as principais exposições, destacam-se: Convite à viagem, Rumos Itaú Cultural, SP, 2012; 8 Abre Alas, Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2012; Pequenos Formatos, Atelier Subterrânea, Porto Alegre, 2011; Sem limites, SIM Galeria, Curitiba, 2011; Percursos simulados, Paço das Artes, São Paulo, 2011; Simulated Pathways, Skalitzer 140, Berlim, Alemanha, 2011; Photoautomatraum, Alice Groupius Showroom, Berlim, 2010; Taktkunstobjektum, open studios, Berlim, 2010; Mostras de artistas no exterior, Programa Brasil Arte Contemporânea, Fundação Bienal de São Paulo e Ministério da cultura, 2010; Amsterdam Biennale – Porto Alegre through a hidden city, Amsterdam, 2009; Conexões tecnológicas, Instituto Sérgio Motta, Memorial da América Latina, São Paulo, 2008; All photographers now, Musée de l’Elysée, Paris, 2006.

ROSÂNGELA RENNÓ

Rosângela Rennó nasceu em Belo Horizonte, em 1962, mas vive e trabalha no Rio de Janeiro.

É formada em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais, 1986, e em Artes Plásticas pela Escola Guignard, Belo Horizonte, 1987. Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em 1997.

Começou a expor em 1985, obtendo reconhecimento nacional e internacional, o que a levou a ter trabalhos incluídos em algumas das mais importantes coleções públicas, como: Museo Nacional Reina Sofia (Madri); Arts Institute of Chicago; Tate Modern (Londres); Daros Latin America (Zurique); Stedelijk Museum (Amsterdã); Museum of Contemporary Art MOCA (Los Angeles); Guggenheim Museum (NY); Centro Georges Pompidou (Paris) e Inhotim Centro de Arte Contemporânea (Belo Horizonte, MG). Realizou numerosas exposições individuais e coletivas. Destacam-se: Frutos Estranhos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2012; Forma, conteúdo e poesia, Galeria Vermelho, São Paulo, 2010; Bienal Internacional de São Paulo, em 1994, e 2010; Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em 1997 e 2009; 50ª Bienal de Veneza, em 1993; 6ª Bienal de Havana, em 1997. Conquistou bolsas do Centro Nacional de Pesquisa Tecnológica, em 1991; da Fundação Nacional de Artes, em 1992; da Civitella Ranieri Foundation, de Umbertide (Itália), em 1997; da Fundação Vitae, em 1998, assim como da Guggenheim (EUA), em 1999.

TONY CAMARGO

Tony Camargo nasceu em Paula Freitas, PR, em 1979. Vive e trabalha em Curitiba.

Formou-se em Educação Artística pela UFPR, em 2001. Trabalha principalmente com poéticas bidimensionais, sempre relacionadas com a linguagem pictórica. Usando técnicas fotográficas e técnicas de pintura, as vertentes dicotômicas da iconografia da cultura pop, aliadas à questões tradicionais da história da imagem no trajeto da arte moderna e contemporânea, é um dos assuntos mais presentes em seu trabalho.

Seus trabalhos encontram-se nas coleções do Museu de Arte Moderna de SP, Fundação Itaú Cultural, Museu de Arte Contemporânea do Ceará, Museu de Arte Contemporânea do Paraná e do Clube de Colecionadores do MAM SP.

Entre as principais mostras individuais realizadas, destacam-se: Galeria Casa Triângulo, São Paulo, 2007, 2008, 2010; Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2008; Galeria Casa da Imagem, Curitiba, 2005, 2010; Fundação Cultural de Curitiba, 2007; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 2007; Casa Andrade Muricy, Curitiba, 2004.

Entre as principais mostras coletivas estão: O trinfo do Contemporâneo, Santander Cultural, Porto Alegre, 2012; Eloge du Vertige, Maison Européene de la Photographie, Paris, 2012; Geração 00, A Nova Fotografia Brasileir, SESC Belenzinho, São Paulo, 2011; Ponto de Equilíbrio, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2010; Bienal Latinoamericana Vento Sul, MAC PR, Curitiba, 2009; Minimalist and Conceptual Work by Brazilian Artists, The Drake Public Spaces Toronto, 2007; Lugares, Casa das Onze Janelas, Belém do Pará, 2006; Rumos Visuais, Itaú Cultural, São Paulo e Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2006; Geração da Virada, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2006; Panorama da Arte Brasileira, MAM SP, São Paulo, 2005.

Copyright 2012

SIM galeria

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer processo sem a prévia autorização por escrito do editor.

SIM galeria

INVENTÁRIO DA PELE

De 25/04 a 02/05/2012

curadoria e texto crítico **eder chiodetto**

projeto e coordenação **laura simões de assis e guilherme simões de assis**

colaboração **flavia simões de assis e waldir simões de assis filho**

montagem da exposição **raul fuganti**

projeto gráfico **mayra pedroso**

impressão **maxigráfica**